



**POSICIONAMENTO E EFICIÊNCIA DO BRASIL E DE SEUS PRINCIPAIS
COMPETIDORES NO COMÉRCIO INTERNACIONAL DO CACAU**

**INTERNATIONAL TRADE OF COCOA FROM BRAZIL AND ITS MAIN
COMPETITORS: PRODUCT POSITIONING AND COUNTRY EFFICIENCY**

Jaíne Nunes dos Santos

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
jainedossantos11@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1654-4224>

Naisy Silva Soares

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
naisysilva@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-6855-0218>

Clayton Alexandre do Amaral

Universidade federal do Sul da Bahia - UFSB
claytonalexandredoamaral@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1759-2714>

Lyvia Julienne Sousa Rêgo

Universidade federal do Sul da Bahia - UFSB
lyviajulienne@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7043-6860>

Resumo

O mercado internacional de cacau apresenta dinâmicas complexas, influenciadas por fatores históricos, políticos e econômicos que moldaram a competitividade dos principais países produtores. Nesse contexto, compreender a trajetória do Brasil em comparação a concorrentes como Costa do Marfim, Gana e Indonésia é fundamental para avaliar os desafios e oportunidades de inserção global. O objetivo deste estudo é analisar a evolução da competitividade do Brasil no comércio internacional de cacau, destacando suas mudanças de posicionamento e eficiência ao longo do período de 1963 a 2022. Para tanto, utilizou-se a metodologia de Fajnzylber (1991), que permite classificar os países em diferentes situações

competitivas a partir da relação entre eficiência e participação no mercado. Os resultados indicam que, enquanto Costa do Marfim e Gana consolidaram posições de liderança, o Brasil e a Indonésia permaneceram em cenários de oportunidades perdidas, com avanços no posicionamento, mas baixa eficiência. Conclui-se que, para superar essa condição, o Brasil precisa investir em tecnologia agrícola, infraestrutura e políticas públicas voltadas à produção sustentável e de qualidade, aprendendo com as experiências internacionais bem-sucedidas. Esses achados contribuem para o debate sobre a inserção competitiva global do país e oferecem subsídios para formulação de estratégias no setor cacauero.

Palavras-chave: Brasil; Cacau; Exportações; Matriz de Competitividade.

Abstract

The international cocoa market presents complex dynamics, influenced by historical, political, and economic factors that have shaped the competitiveness of the main producing countries. In this context, understanding Brazil's trajectory compared to competitors such as Côte d'Ivoire, Ghana, and Indonesia is crucial to assessing the challenges and opportunities for global integration. The objective of this study is to analyze the evolution of Brazil's competitiveness in the international cocoa trade, highlighting its changes in positioning and efficiency over the period 1963 to 2022. To this end, we used Fajnzylber's (1991) methodology, which allows us to classify countries into different competitive situations based on the relationship between efficiency and market share. The results indicate that, while Côte d'Ivoire and Ghana consolidated their leading positions, Brazil and Indonesia remained in scenarios of missed opportunities, with advances in positioning but low efficiency. We conclude that, to overcome this situation, Brazil needs to invest in agricultural technology, infrastructure, and public policies aimed at sustainable and quality production, learning from successful international experiences. These findings contribute to the debate on the country's global competitive position and provide insights for formulating strategies in the cocoa sector.

Keywords: Brazil; Cocoa; Exports; Competitiveness Matrix.

1. Introdução

O Brasil tem se consolidado como um dos principais atores no comércio internacional de produtos agropecuários, destacando-se pela diversidade de sua produção e pela capacidade

de atender às exigências dos mercados externos. Nesse contexto, a competitividade brasileira tem sido evidenciada por meio do desempenho de estados produtores que se destacam nas exportações, contribuindo para a consolidação da imagem do país como fornecedor confiável e eficiente.

Nesse cenário, a produção de cacau é muito importante para a economia brasileira, gerando emprego, renda, impostos e divisas. Segundo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2022), em 2019, o PIB da cadeia produtiva do cacau chegou ao valor de 24 bilhões de reais, influenciado pela indústria que processa as amêndoas de cacau no país e da produção do chocolate.

A produção desta *commodity* atingiu um recorde nacional na década de 1980, com 458,7 mil toneladas produzidas e 655 mil hectares de área colhida de cacau em 1986. Nos anos posteriores a produção esteve em queda, abaixo de 200 mil toneladas. As oscilações da produção têm colocado o Brasil com uma média de 250 mil toneladas por ano (MAPA, 2022).

No Brasil, a produção de amêndoas de cacau se concentra em quatro regiões geográficas: Norte (Rondônia, Amazonas, Pará), Nordeste (Bahia), Sudeste (Espírito Santo) e Centro-Oeste (Mato Grosso), onde a Bahia e o Pará são considerados os maiores produtores. Contudo, o Pará e a Bahia representam quase a totalidade da produção nacional do fruto (MAPA, 2022). O cacau originário do Norte do Brasil, Região Amazônica, se adaptou aos solos férteis, sombreados e adubados pela Mata Atlântica no Sul da Bahia, onde a cultura atingiu uma alta produção nas plantações, promovendo anos de prosperidade e riquezas para diversas famílias de cacaucultores, trazendo desenvolvimento para a região (Sanches, 2019).

O estado da Bahia ocupou a primeira posição na produção nacional de cacau, até o ano de 2017, quando perdeu sua posição para o estado do Pará que também detém a maior produtividade (IBGE, 2024). A queda no estado da Bahia foi devido a fatores exógenos como a incidência de pragas e doenças, assim como das condições climáticas desfavoráveis, como a seca que ocorreu em 2016 no Sul do estado (Conceição, 2020).

Em relação à área colhida, ao longo dos anos o estado do Pará vem aumentando sua área, mas a Bahia ainda possui a maior área colhida do país (Tabela 1).

Tabela 1. Área colhida e produção de cacau dos maiores estados produtores do Brasil nas safras dos anos de 2021 e 2022.

UF	2021		2022	
	Área colhida (Hectares)	Produção (Toneladas)	Área colhida (Hectares)	Produção (Toneladas)
Bahia	423251	137622	410185	109748

Pará	149912	146375	152837	145994
Espírito Santo	17228	11544	17488	11703
Rondônia	8262	5152	7559	5017
Amazonas	1202	677	1203	656
Mato Grosso	625	385	724	471
Brasil	600789	302126	590232	273873

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2024).

A cultura do cacau se espalhou pelo mundo, e atualmente, a sua produção é mais representativa no continente Africano, o qual assume a primeira posição no mercado mundial, sendo responsável por 74,37% da produção no ano 2021/22, seguido pelas Américas com 20,16%, Ásia e Oceania com 5,49% (ICCO, 2024).

Na África, os países que mais se destacaram em termos de produção foram, a Costa do Marfim e Gana; nas Américas, o Brasil e o Equador; e na Ásia e Oceania, a Indonésia e Papua Nova Guiné (Tabela 2).

Costa do Marfim, Gana e Indonésia, são grandes produtores, responsáveis por 61,83% da produção mundial de cacau, sendo assim, os principais concorrentes do Brasil no mercado internacional (ICCO, 2024). Deste modo, estes países e mais o Brasil são os objetos de análise do presente trabalho

Tabela 2. Principais produtores de amêndoas de cacau do mundo.

	Produção do cacau 2021/2022 (mil toneladas)		Estimativa 2022/2023 (mil toneladas)	
África	3589	74.37%	3669	73.44%
Camarões	295	6.11%	290	5.80%
Costa do Marfim	2121	43.95%	2241	44.86%
Gana	683	14.15%	654	13.09%
Nigéria	280	5.80%	280	5.60%
Outros	210	4.35%	204	4.08%
Américas	973	20.16%	1061	21.24%
Brasil	220	4.56%	220	4.40%
Equador	365	7.56%	454	9.09%
Outros	388	8.04%	387	7.75%
Asia & Oceania	265	5.49%	266	5.32%
Indonésia	180	3.73%	180	3.60%
Papua Nova Guiné	42	0.87%	41	0.82%
Outros	43	0.89%	45	0.90%
Mundo total	4826	100%	4996	100%

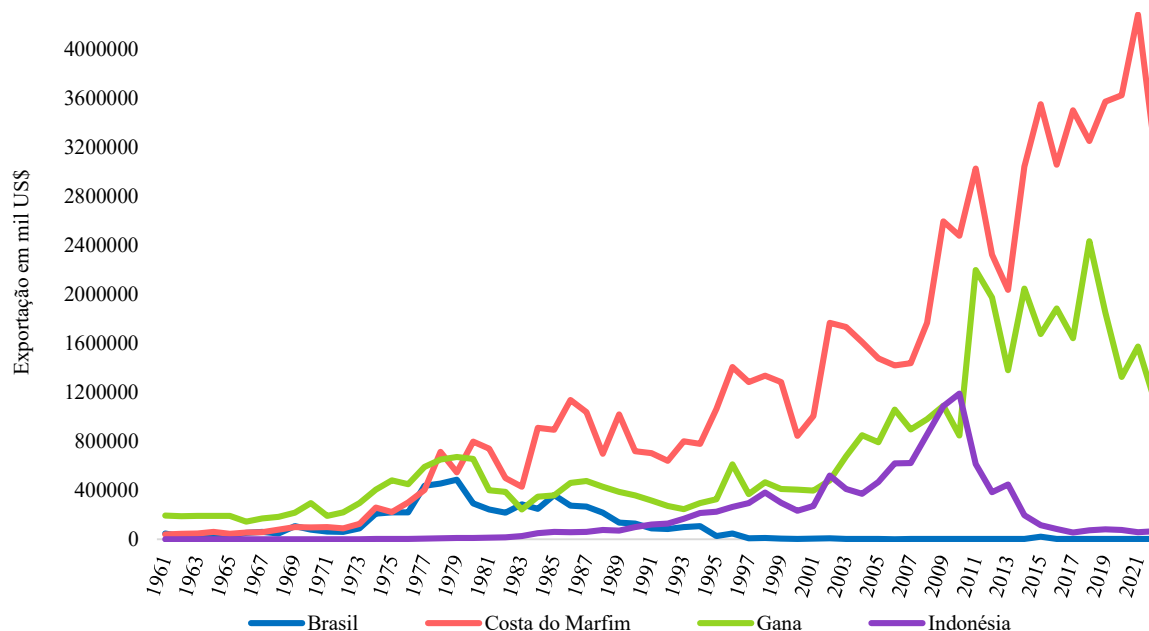
Fonte: ICCO (2024).

A Costa do Marfim assumiu a primeira posição nas exportações mundiais de amêndoas de cacau em 1980, ultrapassando Gana que liderava até então, e segue em segunda posição até 2021 (Figura 1). O Brasil foi um dos grandes exportadores mundiais de cacau até 1992. A partir daí perdeu posição no ranking dos maiores exportadores mundiais.

Em relação à importação, o Brasil importou, em 2023, o total de 43,1 mil toneladas de amêndoas de cacau (AIPC, 2024). No país, o estado da Bahia, de 2018 a 2021, importou em maior quantidade que sua produção interna, enquanto o Pará e o Espírito Santo praticamente não recorreram às importações (Brainer, 2021).

Aqui cabe evidenciar que a produção cacaujeira no Brasil teve a sua história marcada por situações de abundância e de declínio, principalmente em razão de fatores exógenos, como a vassoura-de-bruxa e as intempéries climáticas. Nos anos que sucederam a infestação da praga nas lavouras, o país teve que se adaptar e buscar novas soluções para minimizar os danos, através de políticas públicas, criação da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), centros de pesquisas e demais resoluções. Na tentativa de restaurar as lavouras, combater as pragas, desenvolver tecnologias de produção, além de outras medidas, como suporte financeiro para os cacauicultores (Sanches, 2019).

Figura 1. Exportações de cacau do Brasil, Costa do Marfim, Gana e Indonésia



Fonte: (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, 2024)

Segundo Gomes e Pires (2015), as exportações brasileiras de cacau e derivados poderiam ser maiores se o país não enfrentasse problemas no sistema de produção, alto nível de endividamento dos produtores, dificuldades de acesso às inovações tecnológicas e de

agregação de valor à produção, dificuldade no controle de pragas e doenças naturais. Além disso, a competitividade no mercado internacional é acirrada e existem barreiras comerciais tarifárias e não tarifárias às exportações.

Diante dessa conjuntura, questiona-se qual o posicionamento do Brasil e de seus principais competidores no mercado internacional do cacau ao longo dos anos, buscando responder se a eficiência destes no mercado de cacau é baixa ou alta.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar o comércio internacional do cacau do Brasil e de seus principais competidores, com ênfase no posicionamento do produto e eficiência dos países sob análise, de 1963 a 2022. Estudos nesse sentido são relevantes para subsidiar a tomada de decisão de investimentos e de comercialização, bem como auxiliar a elaboração de políticas públicas para o desenvolvimento do comércio brasileiro do cacau.

2. Metodologia

2.1 Referencial Analítico

A metodologia utilizada aborda os elementos da matriz de competitividade apresentada por Fernando Fajnzylber em 1991. Segundo Fernandez (2014), Fajnzylber criou um sistema de classificação que buscava tratar do posicionamento e eficiência dos países, enquadrando-o em quatro possibilidades que são englobadas na matriz de competitividade. No modelo de Fajnzylber, a competitividade foi medida a partir da análise dos dados de exportação de um país com relação à estrutura de importações, enquadrando-o posteriormente como vencedores ou perdedores, e com isso, a aplicação da matriz verificaria quais elementos perderam ou ganharam participação de mercado.

Para Santos *et al.*, (2016), a eficiência de um país é revelada pelo dinamismo dos produtos que estão sendo exportados, sendo mais eficiente se exportar produtos que tenham um bom posicionamento.

Para a análise é importante considerar o *si* que é feito com a importação mundial do produto *i* e o total das importações mundiais, com isso, o resultado mostrará o posicionamento do produto condicionando, na avaliação de dois períodos o *si* será favorável se for maior/igual a zero, ou desfavorável se apresentar valor menor que zero. Esse resultado mostrará se o produto está tendo ou não uma participação positiva nas importações mundiais.

Para a eficiência, o *sij* é a participação das exportações do produto *i* de um país (*j*) pelo número de importações mundiais do produto *i*. Na variação de *sij*, ele será alta eficiência se o

resultado for maior/igual a zero, e baixa eficiência se for menor (Fernandez, 2014; Santos *et al.*, 2016).

$$S_j = \sum_{i=1}^n \frac{M_{ij} M_i}{M_i M} = \sum_{i=1}^n S_{ij} S_i \quad (1)$$

Onde:

i = um produto ou grupo

j = um país

M = Importações totais

A matriz de competitividade com a combinação de eficiência e posicionamento de produtos está na Figura 2, mostrando as quatro possibilidades existentes do padrão de exportações, determinadas por Fajnzylber, para a inserção do país no mercado internacional de certo produto.

Figura 2. Matriz de competitividade de Fajnzylber.



Fonte: Santos et al (2016).

Segundo Fernandez e Curado (2019) e Santos *et al.*, (2016), cada um dos quadrantes expostos por Fajnzylber na matriz de competitividade significam:

- **Situação de retrocesso:** O posicionamento é desfavorável e a eficiência baixa ($\Delta s_i < 0$ e $\Delta s_{ij} < 0$), significando que o produto está diminuindo participação no mercado mundial, considerando as importações e dentro do próprio comércio.
- **Situação de oportunidades perdidas:** O posicionamento é favorável e a eficiência baixa ($\Delta s_i \geq 0$ e $\Delta s_{ij} < 0$), ou seja, houve um aumento na participação das importações do produto, mas a participação no comércio do país diminuiu.
- **Situação ótima:** Posicionamento favorável e eficiência alta ($\Delta s_i \geq 0$ e $\Delta s_{ij} \geq 0$). Houve o aumento tanto da participação do produto nas importações mundiais quanto a participação do país no seu comércio.
- **Situação de vulnerabilidade:** Posicionamento desfavorável e eficiência alta ($\Delta s_i < 0$ e $\Delta s_{ij} \geq 0$). A participação do produto diminuiu nas importações mundiais, e há um aumento da participação do país no seu comércio.

2.2. Fonte De Dados

Os dados utilizados referem-se às exportações e importações do cacau do Brasil e dos três maiores competidores do país no mercado internacional do cacau ao longo dos anos: Costa do Marfim, Gana e Indonésia. A base de dados foi obtida da *Food and Agriculture Organization* (FAOSTAT, 2024) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2024).

Ressalta-se que a análise da matriz de competitividade de Fajnzylber (1991) foi realizada por décadas para verificar a evolução de uma década para outra no comércio internacional do cacau. Assim, os valores de s_i e s_j foram estimados para cada ano e, posteriormente, foi feita uma média desses indicadores por cada década, ou seja, as estimativas referem-se ao indicador médio em cada década. Em seguida, foi estimada a variação desses indicadores de uma década para outra. Os resultados apresentados referentes à matriz de competitividade de Fajnzylber são do período de 1963 a 2022. Os dados foram organizados em seis séries cada uma contendo dez anos.

3. Resultados

A análise histórica da competitividade do mercado internacional de cacau realizada segundo a metodologia de Fainzylber (1991), considerando o Brasil e seus principais concorrentes, está sintetizada na Tabela 3.

No intervalo de 1963 a 1982, Brasil, Costa do Marfim e Indonésia apresentaram alta eficiência nas exportações de cacau ($\Delta s_{ij} > 0$), mas com um posicionamento desfavorável ($\Delta s_i < 0$), o que os coloca em uma situação de vulnerabilidade. Em outras palavras, embora

exportassem de forma eficiente, sua participação no mercado mundial diminuía. Gana, por sua vez, registrou simultaneamente baixa eficiência ($\Delta Si_j < 0$) e posicionamento desfavorável ($\Delta Si < 0$), caracterizando um cenário de retrocesso e perda de espaço no comércio internacional.

Entre 1973 e 1992, Brasil e Gana estavam em situação de retrocesso, caracterizado por baixa eficiência e posicionamento desfavorável, o que refletiu uma piora na competitividade. Nesse mesmo período, Costa do Marfim e Indonésia continuaram vulneráveis, sem ganhos significativos. Já entre o período de 1993 a 2012, observa-se uma inflexão: Brasil e Costa do Marfim passaram a apresentar oportunidades perdidas, com posicionamento favorável ($\Delta Si \geq 0$), mas baixa eficiência ($\Delta Si_j < 0$), revelando fragilidade estrutural. Em contrapartida, Gana e Indonésia alcançaram situação ótima, combinando alta eficiência e posicionamento positivo, o que resultou em maior participação e competitividade no comércio internacional. No período mais recente, entre 2003 e 2022, Brasil e Indonésia mantiveram o padrão de oportunidades perdidas, enquanto Costa do Marfim e Gana consolidaram desempenho ótimo, com ganhos simultâneos de eficiência e posicionamento, confirmando sua liderança no mercado global de cacau.

Tabela 3. Matriz de competitividade do Brasil e seus principais concorrentes

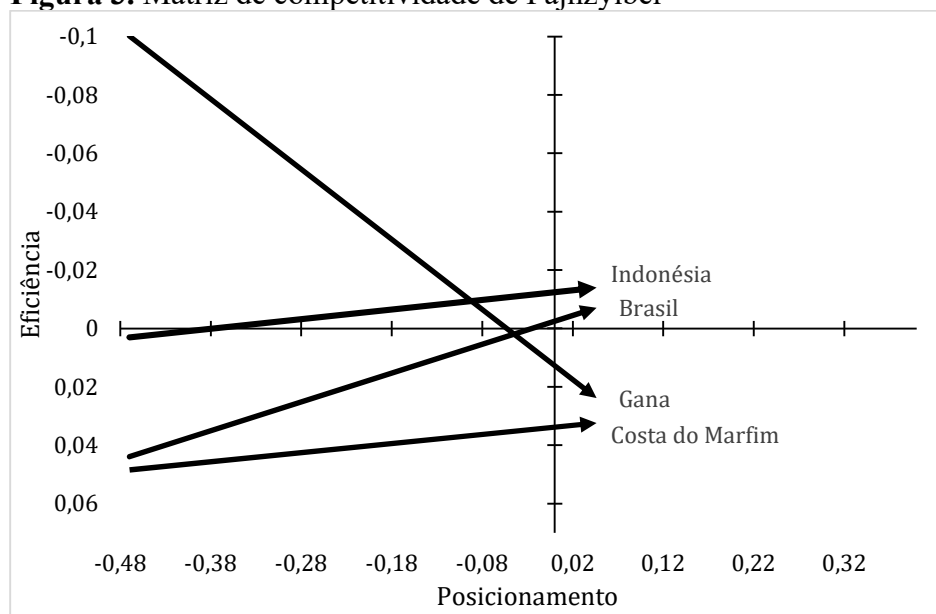
Período	País	ΔSi	ΔSi_j	Posição	Eficiência	Situação
(1963-1972) (1973-1982)	Brasil	-0.46997	0.04392	desfavorável	alta eficiência	vulnerabilidade
	Costa do Marfim	-0.46997	0.04847	desfavorável	alta eficiência	vulnerabilidade
	Gana	-0.46997	-0.10017	desfavorável	baixa eficiência	situação retirada
	Indonésia	-0.46997	0.00300	desfavorável	alta eficiência	vulnerabilidade
(1973-1982) (1983-1992)	Brasil	-1.08151	-0.03217	desfavorável	baixa eficiência	situação retirada
	Costa do Marfim	-1.08151	0.05950	desfavorável	alta eficiência	vulnerabilidade
	Gana	-1.08151	-0.07458	desfavorável	baixa eficiência	situação retirada
	Indonésia	-1.08151	0.01556	desfavorável	alta eficiência	vulnerabilidade
(1983-1992) (1993-2002)	Brasil	-0.85945	-0.07145	desfavorável	baixa eficiência	situação retirada
	Costa do Marfim	-0.85945	0.04613	desfavorável	alta eficiência	vulnerabilidade
	Gana	-0.85945	-0.00061	desfavorável	baixa eficiência	situação retirada
	Indonésia	-0.85945	0.04861	desfavorável	alta eficiência	vulnerabilidade

	Brasil	0.06490	-0.01258	favorável	baixa eficiência	oportunidades perdidas
(1993-2002)	Costa do Marfim	0.06490	-0.05859	favorável	baixa eficiência	oportunidades perdidas
(2003-2012)	Gana	0.06490	0.00657	favorável	alta eficiência	situação ótima
	Indonésia	0.06490	0.00264	favorável	alta eficiência	situação ótima
	Brasil	0.04606	-0.00707	favorável	baixa eficiência	oportunidades perdidas
(2003-2012)	Costa do Marfim	0.04606	0.03235	favorável	alta eficiência	situação ótima
(2013-2022)	Gana	0.04606	0.02383	favorável	alta eficiência	situação ótima
	Indonésia	0.04606	-0.01399	favorável	baixa eficiência	oportunidade perdida

Fonte: Resultados da pesquisa.

A Figura 3 ilustra a matriz de competitividade de Fajnzylber, em que o eixo horizontal representa o posicionamento e o eixo vertical representa a eficiência. As setas indicam a trajetória dos países ao longo dos períodos analisados, com o início da seta representando a primeira série de anos e a ponta da seta representando a última série de anos.

Figura 3. Matriz de competitividade de Fajnzylber



Fonte: Resultados da pesquisa.

A trajetória do Brasil mostra uma melhora no posicionamento ao longo do tempo, embora tenha apresentado variações na eficiência. Inicialmente, o Brasil estava em uma situação de vulnerabilidade; nos períodos mais recentes, passou para uma condição de oportunidades perdidas. A Costa do Marfim, por sua vez, manteve uma consistência na alta

eficiência, ao mesmo tempo em que evoluiu no posicionamento, culminando em uma situação ótima nos períodos mais recentes. Gana apresentou um retrocesso inicial, contudo conseguiu melhorar tanto a eficiência quanto o posicionamento, alcançando também uma situação ótima. Já a trajetória da Indonésia revela estabilidade na eficiência, com oscilações no posicionamento. Nos períodos mais recentes, o país passou a figurar entre os casos de oportunidades perdidas.

Entre 1963 e 2022, a eficiência e o posicionamento dos principais países exportadores de cacau variaram consideravelmente. Brasil, Costa do Marfim e Indonésia mostraram alta eficiência, embora tenham enfrentado posicionamento desfavorável em diversos períodos, o que revela certa vulnerabilidade. Gana, por sua vez, passou por um retrocesso, com baixa eficiência e desempenho limitado no mercado internacional. Nos períodos mais recentes, Brasil e Indonésia vivenciaram oportunidades perdidas, enquanto Costa do Marfim e Gana alcançaram resultados positivo, consolidando-se com maior competitividade no cenário global.

Durante o período de (1963-1972) a (1973-1982), o Brasil apresentou alta eficiência nas exportações de cacau, embora tenha mantido um posicionamento desfavorável, indicando uma situação de vulnerabilidade. Isso significa que, apesar de ser eficiente em suas exportações, a participação do Brasil no mercado mundial estava diminuindo.

Entre 1973 e 1992, o Brasil permaneceu em retrocesso, resultado da devastação causada pela vassoura-de-bruxa (Aguiar & Pires, 2019). Essa perda de competitividade reforça a análise de Gontijo (2020), que atribui o declínio à falta de investimentos em tecnologia agrícola. Situação semelhante foi observada na Indonésia durante a crise asiática dos anos 1990, quando choques externos e políticas tarifárias reduziram sua competitividade (Mercado do Cacau, 2016). Essa comparação evidencia como choques internos e externos podem comprometer a inserção global de países produtores. Entre 1993 e 2012, o Brasil apresentou uma situação de oportunidades perdidas, com posicionamento favorável, mas baixa eficiência, condição que se manteve até os dias atuais. Neste período, destacam-se iniciativas institucionais como a criação da Associação das Indústrias Processadoras de Cacau (2004) e, posteriormente a Política Nacional de Incentivo à Produção de Cacau de Qualidade (2018), voltada à elevação do padrão do produto e ao estímulo da produção e comercialização (BRASIL, 2018).

A Costa do Marfim, por sua vez, exibiu alta eficiência, mas posicionamento desfavorável entre 1963 e 2002, passando a oportunidades perdidas no início dos anos 2000 e alcançando situação ótima no período mais recente entre 2003 e 2022. Apesar de crises de preços e secas (Santos, 2006), políticas de migração e incentivo agrícola ampliaram a produção (Duarte, 2012; Silva et al., 2011; Koffi, 2024), embora problemas sociais, como o trabalho

infantil, tenham marcado os anos 1990 (Martins, 2017). Gana iniciou em retrocesso, com baixa eficiência e posicionamento desfavorável até 2002, mas a partir do período entre 1993 e 2012 passou a uma situação ótima, mantendo-se assim até hoje.

Esse desempenho reflete a superação de crises de gestão e políticas equivocadas das décadas de 1960-1980 (Fischer; Kaledzi, 2016; Chand; Til, 1988). Nos anos mais recentes, o país já se mostra diferente das décadas anteriores, com estabilidade econômica, melhor gestão pública e elevados níveis de exportação de cacau, o que fez com que assumisse a 2ª posição no ranking de países que mais produzem e exportam o produto no mundo (Ribeiro et al., 2020).

A Indonésia apresentou trajetória semelhante à da Costa do Marfim: alta eficiência, mas vulnerabilidade até 2002; situação ótima entre 1993 e 2012; e, mais recentemente, oportunidades perdidas, com posicionamento favorável, mas baixa eficiência. Crises políticas e econômicas, como a asiática dos anos 1990, e políticas tarifárias prejudicaram sua competitividade (Mercado do Cacau, 2016). Ainda assim, a modernização da agricultura (Schouten, 2007), a diversificação externa (Mendes, 2016) e a qualidade do produto (Sasmita et al., 2023). ajudaram a sustentar sua relevância no mercado. Apesar das crises políticas e econômicas, a Costa do Marfim conseguiu manter uma alta eficiência na produção de cacau, consolidando-se como o maior produtor mundial. A adoção de políticas de migração e incentivo à atividade agrícola foi decisiva para ampliar a produção (Duarte, 2012; Silva *et al.*, 2011; Koffi, 2024). Gana, embora também tenha enfrentado desafios, conseguiu melhorar sua eficiência e competitividade ao longo dos anos, resultado de maior estabilidade econômica e de uma gestão pública mais eficiente (Ribeiro *et al.*, 2020). A Indonésia por sua vez, manteve posição favorável no mercado internacional, sustentada em parte pela diversidade de variedades de cacau e a qualidade do produto, fatores que contribuíram para preservar sua competitividade (Sasmita *et al.*, 2023).

As tendências observadas indicam que os países produtores de cacau precisam adotar estratégias específicas para fortalecer sua posição no mercado global. Para o Brasil, torna-se crucial investir em tecnologia agrícola e infraestrutura, além de implementar políticas públicas voltadas à produção sustentável e a melhoria da qualidade do cacau. A Costa do Marfim deve manter os incentivos à atividade agrícola, mas também avançar em políticas sociais que combatam práticas como o trabalho infantil e escravo. Gana demonstra que a estabilidade macroeconômica e a boa governança são determinantes para o sucesso competitivo, enquanto a Indonésia evidencia que a diversificação das relações externas e o foco na qualidade do

produto podem sustentar a competitividade, ainda que o país compartilhe com o Brasil um cenário de oportunidades perdidas.

4. Conclusão

A comparação histórica entre Brasil, Costa do Marfim, Gana e Indonésia evidencia trajetórias distintas de competitividade no mercado internacional do cacau. Enquanto Costa do Marfim e Gana consolidaram posições de liderança, sustentadas por políticas agrícolas consistentes e maior estabilidade institucional (Duarte, 2012; Ribeiro et al., 2020; FAO, 2022), o Brasil e a Indonésia permaneceram em situações de oportunidades perdidas, com avanços no posicionamento, mas baixa eficiência produtiva.

Esses resultados confirmam a análise de Fajnzylber (1991) sobre a vulnerabilidade estrutural de economias exportadoras de commodities e reforçam os argumentos de Aguiar e Pires (2019) e Gontijo (2020) quanto à necessidade de investimentos em tecnologia e inovação. Assim, para que o Brasil supere sua condição de estagnação relativa, torna-se imprescindível alinhar políticas públicas de incentivo à produção de qualidade (BRASIL, 2018) com estratégias de inserção internacional mais robustas, aprendendo com as experiências bem-sucedidas de seus concorrentes.

6. Referências

Aguiar, P. C. B., & Pires, M. M. (2019). A região cacaueira do sul do estado da Bahia (Brasil): crise e transformação. *Revista Colombiana de Geografia*, 28, (1), p. 192.

AIPC - Associação das Indústrias Processadoras de Cacau. [Consultado em: 08/09/2020]. Disponível em: <http://www.aipc.com.br/>

BRAINER, Maria Simone de Castro Pereira. *Produção de cacau*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2021. (Caderno Setorial ETENE, n.149). Disponível em: Banco do Nordeste – Produção de cacau. Acesso em: 23 set. 2025.

Brasil. Política Nacional de Incentivo à Produção de Cacau de Qualidade. Lei nº 13.710/2018. (2024, 20 de março). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/Lei/L13710.htm.

Chand, S. K. & Til, R. V. Gana: rumo à estabilização e à recuperação econômicas. (1988, 10 julho). Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fdesenvolvimento/article/viewFile/64210/62167>.

CONCEIÇÃO, Ronisson Lucas Calmon – Decomposição das Exportações Brasileiras de Derivados de Cacau: uma aplicação do modelo de Constant-Market-Share. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Políticas Públicas. 2020. Duarte, R. O

conturbado processo democrático da Costa do Marfim. (2012, 10 de agosto). Recuperado de http://janusonline.pt/arquivo/popups2011_2012/2011_2012_2_16.pdf.

Fajnzylber, F. (1991). “Inserción internacional e innovación institucional”. *Revista de la CEPAL*, 134(44), 149-178.

Food And Agriculture Organization of The United Nations Statistics. Faostat. (2024, 17 de julho). Recuperado de <http://www.fao.org/faostat/en/#data/TP>.

Fernandez, V. L. (2014). A inserção externa da Argentina: um estudo sobre a relevância dos recursos naturais no padrão de exportações, a competitividade e o comércio intra-industrial, no período de 1985 a 2010. (2024, 17 julho). Recuperado de <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37358/R%20-%20T%20-%20VIRGINIA%20LAURA%20FERNANDEZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

FERNANDEZ, Virginia Laura; CURADO, Marcelo Luiz – «Matriz de competitividade e o papel dos mercados emergentes nas exportações argentinas e brasileiras». In *Revista Economia e Sociedade*. Campinas. V. 28, Nº. 1, 2019, p. 123-151. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2019v28n1art07>

Fischer, H., & Kaledzi, I. (2016). Kwame Nkrumah foi deposto há 50 anos no Gana. (2024, 17 julho). Recuperado de <https://www.dw.com/pt-002/kwame-nkrumah-foi-deposto-h%C3%A1-50-anos-no-gana/a-19069973>.

GOMES, Andréa da Silva; PIRES, Mônica de Moura. *Cacaucultura: estrutura produtiva, mercados e perspectivas*. Ilhéus: UESC, 2015.

Gontijo, F. J. C. A cadeia produtiva do cacau brasileiro sob a perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Especialização em Gestão de Políticas Agropecuárias - ENAP, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas Públicas em Agropecuária. Brasília, 2020. (2024, 18 jul.). Recuperado de <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6165/1/Artigo%20ENAP%20Frederico%20J%20C%20Gontijo.pdf>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. (2024, 17 julho). Recuperado de https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2020_jan.pdf.

ICCO - Organização Internacional Do Cacau – Produção de grãos de cacau. [Consultado em: 09/09/2020]. Disponível em: <https://www.icco.org/statistics/production-and-grindings/production.html> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2024). Exportações brasileiras. Recuperado de <http://ipeadata.gov.br/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

Koffi, Y. J. P. B. (2024) As relações econômicas entre Costa do Marfim e França: O governo de Félix Houphouët Boigny e o neocolonialismo (1960-1993). *Revista Aurora*, 17(1), 1-34.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2022). Brasil quer ganhar posições na produção mundial de cacau e chocolate. (2024, 17 julho). Recuperado de

<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/brasil-quer-retomar-protagonismo-no-cenario-global-de-cacau-e-chocolate>.

Martins, C. G. D. (2017). A produção de cacau na Costa do Marfim e os problemas com Direitos Humanos. (2024, 17 julho). Recuperado de <https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2017/10/31/a-producao-de-cacau-na-costa-do-marfim-e-os-problemas-com-direitos-humanos/>.

Mendes, P. E. (2016). Identidade e poder na política externa da Indonésia: De Sukarno a Suharto. *Relações Internacionais*, 1(1), 67-82.

Mercado de cacau. Associação de cacau pede suspensão do imposto de exportação na indonésia. (2016, 17 julho) Recuperado de <http://mercadodocacau.com/artigo/associacao-de-cacau-pede-suspensao-do-imposto-de-exportacao-na-indonesia>.

Ribeiro, F. J. S. P.; Garcia, A. S.; Assis, C. C. de; Ribeiro, R. A. (2020). Gana: economia, comércio internacional, investimentos e relações com o Brasil. Nota Técnica n. 30 (Dinte). Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Sanches, G. C. S. (2019). *Análise de viabilidade econômica dos principais modais de produção de cacau no Sul da Bahia: Cabruca e SAF-Cacau Seringueira*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Santos, A. S. A. (2006). Notas sobre a solidariedade e o fenômeno da orfandade na sociedade Akan-Agni Morofoé da Costa do Marfim (África do Oeste). *Saúde e Sociedade*, 15(3), p. 40-56.

Santos, L. P.; Avelar, J. M. B.; Shikida, P. F. A.; Carvalho, M. A (2016). Agronegócio brasileiro no comércio internacional. *Revista de Ciências Agrárias*, 39, (1), 54-69.

Sasmita, K. D.; Wardiana, E.; Saefudin; Pranowo, D.; Aunillah, A.; Izzah, N. K.; Herman, M.; Firdaus, N. K.; Sobari, I.; Listyati, D. Challenges and Opportunities for Indonesian Cocoa Development in the Era of Climate Change. In: Agele, S. O.; Ibiremo, O. S. (Eds.). *Shifting Frontiers of Theobroma Cacao - Opportunities and Challenges for Production*. IntechOpen, (2023, 18 julho). Recuperado de <https://www.intechopen.com/chapters/87557>.

Schouten, M. J. (2007). Gênero e Domesticidade na Indonésia: a Nova Ordem. *Campus Social*, 3 (4), p. 123-132.

Silva, I. C.; Oliveira, L. K.; Diallo, M. A. (2011). A crise da Costa do Marfim: a desconstrução do projeto nacional e o neointervencionismo francês. *Revista Conjuntura Austral*, 2 (6), p. 4-32.